

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM ALUNOS SURDOS

Walace de Souza Almeida, Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA¹

Rafaele Habib Souza Aquime, Universidade Federal Rural da Amazônia –

UFRA²

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

Sabemos que o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos é fundamental para reafirmar a cidadania e outros direitos ligados ao processo de inclusão educacional, assim como o aprimoramento das práticas inclusivas. Sabendo disso, O objetivo desse trabalho é analisar quais são as práticas utilizadas por professores de Língua Portuguesa atuantes da rede de ensino fundamental, visando o ensino e instrução de alunos surdos. A metodologia escolhida é a pesquisa de campo, exploratória, sendo formato quanti-qualitativa, utilizando-se dos procedimentos metodológicos de questionários para alunos e entrevistas semi-estruturadas com base em Piovesan; Temporini (1995); Martins; Theophilo (2016), Dalfovo (2008) e Perreira (2006), junto aos professores da disciplina Língua Portuguesa para a coleta de dados. Esta pesquisa é um requisito parcial à obtenção de título de licenciado pleno em Letras – Língua Portuguesa, e está sendo desenvolvida em duas escolas de ensino fundamental do município de Tomé-Açu. A respeito do embasamento teórico, os autores mais relevantes são: Quadros (1997; 2003; 2019), Quadros; Schmiadt (2006), Quadros; Stumpf (2009), Baú; Kubo (2009), Santana (2009), Libâneo (2013), Baptista (2015) e Fernandes; Silva (2015). A partir desses embasamentos pontuamos que a pesquisa ainda está em desenvolvimento, mas foi possível observar por meio da pesquisa bibliográfica e início dos procedimentos metodológicos constatar que o bilinguismo é: uma prática educacional importante, a qual adere a modalidade visual do aluno surdo; são ferramentas para o ensino de línguas de uma forma geral ou particular no processo de ensino-aprendizagem do alunos ouvintes e surdos e uma das metodologias que podem ser utilizar para ensinar língua Portuguesa ou Libras durante o percurso das atividades escolares.

Palavras-chave: Práticas. Língua Portuguesa. Inclusão educacional. Prática educacional. Bilinguismo.

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, Campus Tomé-Açu e Professor Cuidador da Secretaria Municipal de Educação e Desporto – SEMED/ Tomé-Açu. senhorwalace@gmail.com

² Psicóloga- Universidade da Amazônia- UNAMA, Mestra e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, campus Tomé-Açu. Rafaele.habib@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A educação especial é vista como uma modalidade de ensino regular que necessita adequar sua estrutura quanto ao ambiente, a prática pedagógica do professor, o material didático-pedagógico para cada aluno, respeitando sua singularidade, assim como também o acompanhamento no contra turno na sala de atividades multidisciplinar junto ao professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE). (BRASIL, 2001).

A educação inclusiva busca trabalhar com o educando, visando condições apropriadas para sua aprendizagem. Baptista (2015), discuti a importância de utilizar de métodos, práticas, materiais didáticos-pedagógicos e adaptar o sistema de ensino para que atendam a particularidade de cada aluno.

O processo da aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos será discutido durante as entrevistas com os professores, assim como as práticas pedagógicas utilizadas em sala que podem ser percebidas nos questionários a ser realizados para os alunos ouvintes e surdos. Esta temática é muito importante para contribuir com a sociedade, assim como provocar reflexões e desejos de melhorias por parte dos professores e demais.

Este trabalho tem como objetivo investigar às práticas utilizadas na educação especial e inclusiva. O público alvo dessa pesquisa são os alunos surdos e ouvintes matriculados em período regular de escolas de ensino fundamental e professores da disciplina Língua Portuguesa.

Esta pesquisa é um requisito parcial para obtenção do título de licenciado pleno em Letras – Língua Portuguesa. E está sendo desenvolvida, também é uma das temáticas discutidas pelos autores em seus respectivos grupos de pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BILINGUISTO

Uma das metodologias utilizadas para planejamento de práticas/ materiais adequados para alunos surdos é o bilinguismo, com base nos estudos de

Quadros (1997; 2003; 2006; 2019), esta é uma das estratégias que propõem ao aluno, mais especificamente para pessoas surdas, meios de utilizar dois sistemas gramaticais. “(...)o bilinguismo se caracteriza pela utilização de dois sistemas simbólicos distintos”, (FERNANDES, 2015, p. 22). Assim, este exercício tem a meta de instruir a pessoa surda utilizar duas línguas no ambiente escolar e social:

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p. 27).

Na mesma linha de pensamento. “Esta tese coloca-nos diante da essencial diferença entre os homens e as mulheres e os outros animais, na forma como historicamente vêm construindo sua existência”, (FREIRE, 2012, p. 24). Com isso, é preciso utilizar-se de metodologias que permitem a aprendizagem e desenvolvimento do aluno surdo como sujeito participativo, visando sua aprendizagem e efetiva participação.

Fernandes (2015), aponta que a educação de surdos tem sido um assunto muito discutido por conta da influência, força e espaço que as línguas de sinais conquistaram como uma metodologia cabível ao educando.

Nesse contexto a democracia é muito importante para efetivar os direitos e deveres das pessoas surdas, pois pela comunicação entre ambas comunidades (ouvintes e surdos) poderemos combater preconceitos³ e proporcionar um meio social melhor.

Complementando esta linha de pensamento. “Nesse sentido, a escola democrática é aquela que se prepara para atender cada um de seus alunos (...)”, (SKLIAR, 1998, p. 37). Portanto, é correto refletir sobre a criação de metodologias e matérias para a educação, mais especificamente para a instrução de alunos surdos.

Sabemos que comunicação humana é essencial na sociedade, compartilhar experiências é fundamental, principalmente no campo da Educação. “Educação

³ “(...) os surdos não são mais considerados deficientes, mas integrantes de uma “comunidade” própria que se identifica, pelo uso de uma língua comum (...)”, (SANTANA, 2007, p. 33).

é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas (...)", (LIBÂNEO, 2013, p. 21). Com base nisso, a cultura e interação do aluno surdo dependerá diretamente de sua bagagem cultural e social adquirida ao decorrer de sua trajetória na sociedade e sendo influenciadora durante sua aprendizagem.

Utilizar a língua e entender sua estrutura para Quadros (1997), é muito importante para poder iniciar os estudos sobre Língua Portuguesa para surdos. Refletindo sobre isso, A inclusão escolar, com base nos estudos de Baptista (2015) e Baú; Kubo (2009), apontam que é possível a aquisição de novos conhecimentos e experiências exitosas são possíveis quando é estabelecido maneiras proveitosas de aprender e ensinar:

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos indivíduos surdos diz respeito à inclusão escolar. À primeira vista, este seria um problema apenas restrito a questões que se torna ainda mais crítica quando o modelo pedagógico de ensino e aprendizagem é o mesmo adotado para os alunos ouvintes, com aulas expositivas, exclusivamente baseadas no uso de línguas orais. Há os esforços dos professores, intérpretes de línguas de sinais e dos próprios alunos, e muitas instituições de ensino tentam mostrar que as medidas que vêm sendo tomadas por elas atendem não apenas os anseios da sociedade e da legislação, mas também e principalmente as necessidades educacionais dos alunos dos surdos. (BIDARRA; MARTINS; SEIDE, 2016, p. 148).

Ao instruir a pessoa surda ou ouvinte a terem domínio linguístico sobre a Libras, muitas possibilidades podem acontecer, entre elas: oportunidade de ter contanto com outra cultura, interesses profissionais e aprofundamento em pesquisas educacionais. "O indivíduo bilíngue é, portanto, um agente que usa e atualiza dois sistemas simbólicos distintos, com signos distintos objetivando representar conceitos", (FERNANDES, 2015, p. 23). Logo, o bilinguismo é uma ferramenta que pode ser utilizada na prática em sala, visando melhorar a qualidade de ensino e interação social por meio da Libras.

No que se refere à Língua Portuguesa, a compreensão do texto por parte do aluno é muito importante durante o processo. "Na medida que o aluno compreende o texto, ele começa a produzir textos. Ele começa a escrever textos. A escritura é um processo que se constrói por meio do registro das atividades (...)", (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 43). Assim, práticas que favoreçam o interesse do aluno pelo texto ou que despertam curiosidades

sobre, demonstram serem mais efetivas no durante o processo de aquisição do Português escrito.

Os estudos de Quadros (1997; 2019), apontam que o texto produzido por alunos surdos poderá ter como base a estrutura da língua de sinais, visto que pelo fato da Libras ser a primeira língua adquirida por surdos e o Português sendo a segunda. Possivelmente há possibilidade de identificar estruturas da L1 em textos escritos da L2. A autora ressalta a importância dos professores de Língua Portuguesa entenderem este detalhe e repensar seus procedimentos avaliativos sobre textos produzidos por alunos surdos.

2.2 ABORDAGEM EDUCACIONAL NA INSTRUÇÃO DE SURDOS

A educação de alunos surdos necessita de uma abordagem educacional elaborada especificamente para atender esta demanda. Baú; Kubo (2009), reforçam a necessidade de preparação/ formação continuada para atuar com cada necessidade educacional. Logo, cada particularidade do aluno é um fenômeno social que deve ser levada em consideração para a formação educacional. “A formação do educador para atender às necessidades dos alunos com dificuldades especiais necessita ser a meta da capacitação profissional”, (BAÚ; KUBO, 2009, p. 30-31). Portanto, é indispensável por parte do professor e dos gestores refletirem sobre suas respectivas formações e a necessidade do aprimoramento profissional:

O início de um planejamento de ensino está relacionado a objetivos de ensino apropriadamente formulados e, conseqüentemente, a uma avaliação do ensino eficiente e eficaz. Explicar concepções que as professoras de educação especial têm sobre objetivos, planejamento e avaliação de ensino possibilita (ainda que parcialmente), entre outras coisas, a qualidade de sua formação e de sua intervenção. (BAÚ E KUBO, 2009, p. 97).

No que se refere aos professores e ao ensino da língua Portuguesa. Libâneo (2013), disserta sobre a relevância de analisarmos a formação e currículo dos professores, procurando identificar aspectos que podem ser melhorados e acrescentados para contribuir com a educação especial e inclusiva. “Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações (...)”, (LIBÂNEO, 2013, p. 15). Dessa forma, o professor e seu planejamento

podem adquirir práticas ou através de sua própria experiência utilizar de novas ideias para alcançar seus objetivos durante o ensino.

Entendemos “ensino” como o processo social e educacional de transmitir conhecimentos, valores e experiências em relação ao sujeito. Com base nas leituras dos seguintes autores: Libâneo (2013) e Lodi; Lacerda (2014), foi possível refletir imensamente sobre o conceito de educação e principalmente sobre como colocar em prática uma abordagem adequada referente à educação de surdos no ensino fundamental.

Podemos afirmar que as propostas pedagógicas são atividades que são montadas constantemente e por muitos fatores. “(...) podemos dizer que o processo de ensino-aprendizagem é, fundamentalmente, um trabalho pedagógico no qual se conjugam fatores externos e internos”, (LIBÂNEO, 2013, p. 24). Sabendo disso, foi possível perceber que as estratégias na instrução de surdos são decididas a partir do momento em que se percebe a existência do aluno em sala regular.

No percurso escolar referente à educação de surdos houve muitos conflitos sobre as práticas na instrução desses indivíduos. Fernandes (2015). Logo, para construir uma educação adequada aos alunos surdos é necessário reorganizar a proposta pedagógica das disciplinas. Libâneo (2013) e Baú; Kubo (2009), ressaltam esta ação como sendo fundamental na organização e aplicação de atividades escolares.

Tendo em mente estas práticas iniciais e o conhecimento sobre o bilinguismo, é responsabilidade do professor instruir-se a utilizar estes métodos que contemplem a Língua do aluno. “A instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de acontecimentos sistematizados”, (LIBÂNEO, 2013, p. 22). Sabendo disso, ao adquirir alguma proficiência na Libras, o professor desenvolverá atividades proveitosas para a aprendizagem do educando:

O professor precisa conversar na língua de sinais sobre o que a leitura estará tratando. Isso não necessariamente implica em ler o texto em sinais, mas sim conversar sobre o texto ou trazer dentro do contexto das atividades já em desenvolvimento na sala de aula. além disso, muitas vezes discutir sobre alguns elementos linguísticos presentes no texto podem ser muito útil para o aluno que está aprendendo a ler. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 41).

Há muitos estudos sobre a Libras que ressaltam sua importância. “(...) os estudos sobre as línguas de sinais que demonstram que essa é a única modalidade de linguagem plenamente acessível ao surdo, pois, por seu intermédio, ele pode ser competente em uma língua visogestual (...)”, (LODI; LACERDA, 2014, p. 12). Com base nisso, a educação de surdos necessariamente precisa da língua de sinais para efetivar bons resultados durante o ensino, assim como promover boas relações com os demais alunos em sala e futuramente em ambientes profissionais.

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES COMO AGENTES DA INCLUSÃO

A formação do professor é um ponto importante para a educação, pois pela convivência e experiência de cada profissional durante reuniões, planejamentos pedagógicos e até mesmo durante às aulas poderão contribuir para melhores avanços na educação e desenvolvimento escolar e da aprendizagem dos alunos. “(...) os métodos de ensino são ações, passos e procedimentos vinculados ao método de reflexão, compreensão e transformação da realidade (...)”, (LIBÂNEO, 2013, p. 167). Logo, para efetivar as práticas inclusivas é necessário instruir o professor em períodos de formações específicas.

Para aperfeiçoar a prática docente e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos durante as aulas. Baú; Kubo (2009), é preciso destinar os profissionais da educação para períodos de formação/ estudo para que possam conhecer, discutir e absorver novos conhecimentos proveitosos, assim no futuro possam estar aptos para trabalhar com cada especificidade do aluno:

[...] será necessário instituir um espaço específico para cuidar da formação de professores para essa modalidade de ensino. Do contrário essa área continuará desguarnecida e de nada adiantarão as reiteradas proclamações referentes às virtudes da educação inclusiva que povoam os documentos oficiais e boa parte da literatura educacional nos dias de hoje. (SAVIANI, 2009, p. 153).

A educação, segundo Libâneo (2013), está diretamente ligada ao público-alvo, assim precisamos ter em mente este conhecimento para poder planejar e organizar as devidas atividades de acordo com as particularidades de cada público, também como a adaptação do conteúdo selecionado, conseqüentemente tudo relacionado à educação independentemente da

situação, além de adequar metodologias/ estratégias de ensino durante a abordagem educacional:

processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Estes, pelo estudo das matérias, sob a direção do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. A direção eficaz desse processo depende do trabalho sistemático do professor que, tanto no planejamento como no desenvolvimento das aulas, conjuga objetivos, métodos e formas organizativas do ensino. (LIBÂNEO, 2013, p. 164).

O professor precisa saber quais ações definir de acordo com a particularidade da turma e aluno para construir a inclusão no processo de ensino. “O processo de inclusão vem sendo aplicado em cada sistema social. assim, existe a inclusão na educação, no lazer, no transporte etc.”, (SASSAKI, 1997, p. 40). Portanto, a acessibilidade é um fator social e importante para a educação.

É muito importante a socialização acontecer em sala de aula, assim possivelmente será possível nos outros espaços sociais. “Quando isso acontece, podemos falar, respectivamente, em educação inclusiva, no lazer inclusivo, no transporte inclusivo e assim por diante”, (SASSAKI, 1997, p. 40). Com base nisso, a acessibilidade é um assunto que o professor de língua Portuguesa precisar tomar conhecimento em suas pesquisas e principalmente nas ações:

É importante ressaltar que o professor, assim como os demais profissionais do espaço escolar possuem a responsabilidade de promover a inclusão. “Cabe, portanto, à sociedade eliminar todas as barreiras arquitetônicas, programáticas, metodológicas, instrumentais, comunicacionais e atitudinais (...)”, (SASSAKI, 1997, p. 45). Dessa forma, utilizar a Libras é umas das formas de difundir a inclusão de pessoas surdas na sociedade e contribuir para a aquisição da Língua Portuguesa por meio da proposta do bilinguismo.

Em meio à tantas decisões durante o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, é possível utilizar da tecnologia como uma das ferramentas, visando o bilinguismo. “O emprego da tecnologia assistiva pode beneficiar aquelas pessoas que, devido a fatores neurológicos, físicos, emocionais e cognitivos, se mostram incapazes de comunicar-se através da fala”, (BAPTISTA, 2015, p. 275). Assim, os meios tecnológicos se mostram eficientes para manter a atenção do aluno.

Concordando com os autores acima citados sobre a inclusão. Quadros; Schmiedt (2006) e Strobel (2006; 2009), são fundamentais para discursar sobre os processos formativos relacionados à inclusão social e instrução de pessoas surdas.

4 METODOLOGIA

A metodologia escolhida é de cunho exploratória com base em Piovesan; Temporini (1995), utilizando-se de métodos de pesquisa quanti-qualitativa na ótica de Dalfovo (2008). Este estudo fará uso de questionários para alunos e entrevistas semi-estruturadas junto aos professores da disciplina Língua Portuguesa para a coleta de dados.

Esta pesquisa é um requisito parcial à obtenção de título de licenciado pleno em Letras, e está sendo desenvolvida em duas escolas de ensino fundamental do município de Tomé-Açu.

As escolas foram escolhidas baseadas em dois critérios, que são: alunos surdos matriculados regularmente e a não presença de tradutores/ intérpretes atuantes no contexto educacional. Assim, visamos descrever a prática docente do professor de Língua Portuguesa sem a presença do profissional citado antes.

Utilizando a pesquisa exploratória, poderemos observar o fenômeno estudado, assim como iniciar nossas problematizações sobre a temática abordada. Sendo fundamental para alcançar os resultados da problemática apresentada nessa pesquisa:

A pesquisa exploratória, da maneira proposta neste trabalho, apoia-se em determinados princípios bastante difundidos: 1) a aprendizagem melhor se realiza quando parte do conhecido; 2) deve-se buscar sempre ampliar o conhecimento e 3) esperar respostas racionais pressupões formulações de perguntas também racionais”, (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 03).

Durante nossa interação no ambiente escolar, utilizaremos o questionário como uma das metodologias para a coleta de dados. “(...) trata-se de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever”, (MARTINS; THEÓPHILO, 2016, p. 93). Portanto, tais métodos podem ser utilizados para coletar informações rapidamente.

Ao empregar os procedimentos de coleta de dados quanti-qualitativos, poderemos discutir a problemática estudada de acordo com as informações

adquiridas pela colaboração dos participantes. Logo, embasado nessas informações e achados no levantamento da literatura, apresentaremos respostas para muitas questões apresentadas anteriormente:

A abordagem quantitativa para o estudo de um evento qualitativo só deixa de ser alternativa concreta à abordagem qualitativa numa situação específica, bastante rara nos dias de hoje, em que não se disponha de qualquer conhecimento anterior do objeto de estudo. Nesse caso, o dado para a quantificação da manifestação do evento qualitativo não pode ser considerado porque não se pode atrair representações simbólicas ou assumir premissas sobre o desconhecido. É, então, a abordagem qualitativa que viabiliza, pelo menos, o primeiro reconhecimento do objeto e, eventualmente, instrumentaliza uma posterior abordagem alternativa. (PERREIRA, 2004, p. 22).

Outro procedimento metodológico utilizado é a entrevista com os professores. “Cabe aos pesquisadores que fazem uso de entrevistas em suas investigações explicar as regras e pressupostos teóricos/metodológicos que norteiam seu trabalho (...)” (DUARTE, 2004, p. 215). Com isso, facilitar que o participante entenda a proposta apresentada e que possa contribuir para a pesquisa é fundamental para discutir a problemática apresentada.

A pesquisa bibliográfica será utilizada durante todo o percurso em que este estudo está em desenvolvimento. Com base Lakatos; Marconi (1992), visamos verificar constantemente as informações com o contexto educacional no qual a pesquisa será realizada.

5 RESULTADOS

A pesquisa ainda está em desenvolvimento, mas por meio dos procedimentos metodológicos e levantamento do embasamento teórico foi possível observar por pesquisa bibliográfica entre eles: o bilinguismo é um dos assuntos mais discutidos pelos autores no que se refere à educação de surdos.

Grande parte dos professores não possuem formação continuada ou conhecimento no que se refere a Libras ao ponto de utiliza-la em suas atividades em sala com o aluno com surdez.

Os professores reconhecem que precisam de períodos de formação específica para desenvolver uma aprendizagem melhor para alunos surdos, assim como adquirir alguma proficiência em Libras.

Utilizar a Libras nas atividades que envolvem textos é uma das metodologias mais desafiadoras e ao mesmo tempo uma das mais interessantes para

provocar reflexões sobre o texto estudado e não apenas ler sobre o conteúdo da disciplina.

Por fim, foi-se estabelecido os primeiros contatos com o público-alvo da pesquisa nas escolas aonde ocorrerá a coleta de dados, inclusive aceitaram participar dessa pesquisa que se encontra em desenvolvimento.

6 CONCLUSÕES

Esta pesquisa está em andamento, mas podemos destacar de acordo com a fundamentação teórica desenvolvida que no processo de inclusão escolar, o protagonismo dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) é fundamental na construção do conhecimento junto ao professor, na sala de aula e na escola de um modo geral, com participação ativa da família como componente da comunidade escolar.

O aluno surdo por ser protagonista da própria aprendizagem poderá perceber no bilinguismo a possibilidade de conhecer a cultura da Língua Portuguesa e as oportunidades presentes ao usuário na modalidade escrita dessa língua.

Em suma, já foi possível observar por meio da pesquisa bibliográfica e início dos procedimentos metodológicos que o bilinguismo é uma prática educacional importante, a qual adere a modalidade visual do aluno, e os resultados deste trabalho apontarão práticas que objetivam esse processo de aprendizagem inclusivo, pensando os desafios, dificuldades, mas também práticas exitosas.

Por fim, o bilinguismo mostrou-se por meio dos autores estudados que é uma prática educacional inclusiva, sendo importantíssimo durante o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo ou com deficiência auditiva.

A aquisição de novos conhecimentos pelo educando, possibilitará a participação ativa e significativa, além da relação de professor e aluno de forma mais empática em sala e democrática na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAÚ. J; KUBO. O. M. **Educação Especial e a capacitação do professor para o ensino**. – Curitiba: Juruá, 2009.

- BIDARRA. J; MARTINS. T. A; SEIDE. M. S. **Entre Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo.** – Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016.
- BAPTISTA. C. R; CAIADO. K. R. M; JESUS. D. M. **Educação Especial: diálogo e pluralidades,** (organizadores). -. 3. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/ Coordenadoria de Educação Básica. **Resolução nº. 2 de 11 de setembro de 2011.** Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília, 2001.
- DUARTE. R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** – Editora UFPR, Curitiba, 2004.
- FERNANDES. E; SILVA. A. C. da. **Surdez e bilinguismo** [et al.]. -7. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2015.
- FREIRE. L. B. I. M. **Um olhar sobre a diferença:** interação, trabalho e cidadania. – 12ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.
- LAKATOS. E. M; MARCONI. M. de A. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações de trabalhos científicos. - - 4.ed. - - São Paulo: ATLAS, 1992.
- LIBÂNEO. J. C. **Didática.** – 2. Ed – São Paulo: Cortez, 2013.
- LODI. A. C. B; LACERDA. C. B. F. **Uma escola, duas línguas:** letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização, (organizadoras). – 4. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014.
- MARTINS. G. A; THEÓPHILO. C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** – 3. Ed. – São Paulo: Atlas, 2016.
- PERREIRA. J. C. R. **Análise de Dados Qualitativos:** Estratégias Metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais. – 3. Ed. 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- PIOVESAN. A; TEMPORINI. E. R. **Pesquisa exploratória:** procedimentos metodológicos para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. – Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo, Brasil, 1995.

QUADROS. R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/ exclusão**. - Universidade Federal de Santa Catarina CED/EED/Nucleind-Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC, 2003.

_____. **Libras**. Editores científicos Tommaso raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS. R. M; SCHMIEDT. M. L. P. **Ideias para ensinar Português para surdos**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTANA. A. P. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas - São Paulo: Plexus, 2007.

SASSAKI. R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. – Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.14 n.40, jan./abr. 2009.

SKLIAR, C. **A forma visual de entender o mundo**. In Educação para todos. Revista especial, SEED/DEE. Curitiba: Editora Expediente, 1998.

STROBEL, Karin. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância: Florianópolis, 2009.

_____. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. *ETD - Educação Temática Digital*, 2006.